

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA ESCOLA: UMA COMPREENSÃO A PARTIR DO CONCEITO DE CORPO E CORPOREIDADE¹

Paulo Carlan², Carine Ott Dias³, Priscila Moreira⁴, Robson Mittelstaedt⁵, Andressa Lais Dos Santos Riger⁶, Dorival Dellias Pereira⁷.

¹ Pesquisa realizada a partir do primeiro momento do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID/UNIJUI;

² Professor Orientador; carlan@unijui.edu.br;

³ Aluno do Curso de Graduação em Educação Física da UNIJUI, bolsista PIBID/UNIJUI, carineott1@hotmail.com.br;

⁴ Aluno do Curso de Graduação em Educação Física da UNIJUI, bolsista PIBID/UNIJUI, priscilamoreiragemista@hotmail.com;

⁵ Aluno do Curso de Graduação em Educação Física da UNIJUI, bolsista PIBID/UNIJUI, boby_h_robson@yahoo.com.br;

⁶ Aluno do Curso de Graduação em Educação Física da UNIJUI, bolsista PIBID/UNIJUI, dessa.riger@gmail.com;

⁷ Aluno do Curso de Graduação em Educação Física da UNIJUI, bolsista PIBID/UNIJUI, dorivaldpereira@hotmail.com

Introdução

Pela primeira vez na sua história a Unijuí foi contemplada com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O PIBID-UNIJUI, Desenvolvimento Profissional de Professor em Formação Inicial e Continuada articulado a Produção do Currículo Escolar, tem como ênfase as experiências interdisciplinares e busca oportunizar ações compartilhadas nas escolas para conhecer e interagir com os professores em salas de aula, seminários temáticos, encontros e reuniões para a socialização das experiências e sistematização de estudos.

O PIBID-UNIJUI tem como parceiros quatro escolas públicas do Município de Ijuí/RS, sendo três da rede estadual e uma municipal. O referido programa compreende cinco áreas de conhecimentos, a saber: Matemática, História, Ciências, Pedagogia e o Interdisciplinar (que compreende as áreas da Educação Física, Letras e Inglês). A área da Educação Física conta com quinze (15) bolsistas.

A primeira ação dos bolsistas nas quatro escolas parceira do PIBID-UNIJUI foi a leitura dos documentos oficiais, ou seja, o Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar. Durante o processo de socialização e sistematização dessa primeira etapa, direcionada aos bolsistas da área da Educação Física foi lançada uma pergunta central: vocês conseguiram identificar se nos documentos oficiais das escolas contém a presença ou a explicitação dos conceitos de corpo e ou corporeidade? A constatação foi unânime de que em nenhum dos documentos oficiais das quatro escolas parceiras do PIBID-UNIJUI, constavam de forma direta os dois conceitos. O que foi

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XV Jornada de Extensão

percebido em algumas passagens dos documentos foi a ideia da importância do brincar e do jogar na constituição e educação das crianças.

Diante dessa constatação surge nossa pergunta de pesquisa, compreender o porquê dos conceitos de corpo e corporeidade não estarem contemplados nos documentos oficiais das quatro escolas parcerias do PIBID-UNIJUÍ. A nossa premissa é de que as invisibilidades dos referidos conceitos explicitam uma concepção tradicional de educação onde o processo de aprendizagem dos saberes escolares está descolado de um sujeito que aprende pela dimensão corporal numa relação homem e mundo, mediado pela cultura.

Metodologia

O nosso estudo caracteriza-se segundo GIL (2010), como pesquisa documental, que para fins de pesquisa científica utilizam como objeto de análise documentos, neste caso, os Projetos Políticos Pedagógicos de três escolas estaduais e uma municipal de Ijuí/RS, que são registros institucionais escritos. A pesquisa documental busca esclarecer determinado fenômeno ou fato. Para alcançar o objetivo proposto, adotou-se como procedimento técnico e empregou-se uma abordagem qualitativa.

O estudo valeu-se da análise de conteúdo, embasado no modelo de Bardin (1979), que se desenvolveu em três momentos: (a) pré-análise; (b) exploração do material; e (c) tratamento dos dados, inferência e interpretação.

Resultados e Discussão

O entendimento acerca dos Projetos Políticos-Pedagógicos foi uma das primeiras questões a serem debatidas antes dos bolsistas iniciarem a leitura dos documentos oficiais das escolas parcerias do PIBID-UNIJUÍ. A concepção de muitos bolsistas foi de desconhecer a existência de um Projeto Político-Pedagógico na escola, mesmo em tempo de estudante, em nenhum momento foram-lhes apresentado ou explanado sobre o que era um PPP e sua importância para a vida e funcionamento da escola.

Segundo VEIGA (1995, p. 13) o Projeto Político-Pedagógico de uma escola deve buscar um rumo, uma direção. É uma ação institucional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico de uma escola é também um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. Para a autora, a dimensão pedagógica reside na possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão crítico, criativo, participativo, responsável. É pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e suas intencionalidades.

Nessa perspectiva, as dimensões Político e Pedagógico têm uma significação indissociável, tornando o PPP como um processo permanente de reflexão e discussão dos desafios da escola e a busca de alternativas viáveis à efetivação de sua intencionalidade que é de potencializar o mundo da vida para os educandos.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XV Jornada de Extensão

Educação escolar e o Projeto Político Pedagógico: a invisibilidade do conceito de corpo e corporeidade

Neste item desejamos apresentar as categorias e as problematizações básicas que orientaram nossas reflexões sobre o tema. Elas são derivadas de questões do ponto de vista educativo tais como: é possível aprender sem passar pela experiência corporal, sensitiva, perceptiva e subjetiva? Que tipo de educação corporal a escola explicita nos seus documentos oficiais? Por que surge o interesse de compreender os documentos oficiais e quais são suas determinações sócio históricas? Quais as reais intenções da retomada do tema corporeidade? Reconhecemos a amplitude e a complexidade dessas questões para darmos conta da nossa função, porém procuraremos realizar um movimento de reflexão no sentido de perceber se os documentos oficiais anunciam essas questões e como elas se relacionam no processo educativo.

Ao nos apropriarmos do PPP e do Regimento Escolar, percebemos que os documentos oficiais não negam a importância do corpo para a formação dos educandos na escola, entretanto, não reforçam ou destacam de forma mais contundente a sua pertinência no processo educativo escolar. FOUCAULT (1987), em seus estudos históricos, relata como se efetivava o poder disciplinar sobre o corpo nas escolas dos séculos XVIII e XIX. Existia uma rigorosa minúcia com que eram estipulados os regulamentos para o comportamento corporal dos alunos, para sua distribuição no espaço e para a divisão do tempo escolar, isso revela um poder disciplinar que objetivava controlar as erupções afetivas que poderiam surgir do corpo com seus movimentos espontâneos e suas forças heterogêneas.

Nessa perspectiva, Foucault investigou e estudou a “vida” organizacional das prisões, dos hospitais, das casas que cuidam das pessoas com distúrbios mentais e das escolas, mostrando como essas instituições tem mecanismos sutis de controle sobre os corpos. O nosso estudo nesse primeiro momento se deteve exclusivamente aos documentos oficiais das escolas, porém, mesmo que os PPPs não deixam evidente o conceito de corpo, existe em seu fazer pedagógico uma política de normas e regras, que tem o propósito de controlar, ajustar, disciplinar, conduzir e adequar os alunos à aprendizagem numa instituição que se caracteriza pela educação e formação humana: a escola.

A escola segundo GONÇALVES (1994, p.32) é uma instituição social e, como tal, se encontra numa relação dialética com a sociedade em que se insere, reforçando as estruturas de controle dos sujeitos que fazem parte da vida da escola. As práticas escolares trazem as marcas da cultura e do sistema dominante, que nelas imprimem as relações sociais que caracterizam a moderna sociedade capitalista. Uma das formas de controle disciplinar passa necessariamente pelo corpo, as práticas escolares segundo GONÇALVES (Apud, 1994, p.33) tendem a internalizar as relações do homem com o mundo, que consiste na supervalorização das operações cognitivas se distanciando das experiências sensorial/corporal.

Os estudos desenvolvidos por Gonçalves (1994) analisam as formas atuais de controle do corpo na escola a partir dos regulamentos, regimentos, normas, regras, conteúdo das disciplinas, livros didáticos e nos discursos e hábitos metodológicos do professor. Fica evidente que a escola, através de seus regulamentos, tem o objetivo de eliminar do corpo movimentos involuntários e a

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XV Jornada de Extensão

participação espontânea, permitindo somente a realização voluntária, com objetivos racionais definidos, regidas pelas normas sociais da escola. Era possível identificar o controle dos corpos através na distribuição espacial dos alunos na sala da aula e na organização do tempo escolar.

Para MARQUES (1993, p.5) o homem constrói-se como unidade de ser corpóreo na intersubjetividade mediada pela linguagem, pela expressividade com que se conjugam a generalidade e a particularidade de cada um dos sujeitos. A linguagem está na origem da condição humana, por que entendemos que o homem é um ser e obra da linguagem. Toda a possibilidade de conhecimento é mediada pela linguagem, e aqui gostaríamos de destacar que uma das dimensões da mesma é a linguagem expressiva e a corporal. Mais do que ter um corpo, o homem é um corpo que se constrói sempre de novo na consciência de si e na expressividade relacional.

Para DAOLIO (1995, p.25) “o corpo é uma síntese da cultura, por que expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação. Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões”. Isso significa dizer que a transmissão da cultura não é uma questão genética, mas sim histórica e esse processo se dá pela linguagem, enquanto um ato criador da humanidade. O corpo é a primeira forma de expressão humana, quando nasce é apenas um corpo biológico, natural e é pela educação que esse corpo se torna um corpo social, desnaturalizado. E esse corpo vai sendo gradativamente agregado a cultura pela linguagem.

A educação teria sentidos bem distintos: o espiritual ou o mental (intelectual). Por um lado, a associação com o corpóreo e físico resultava da soma a educação integral (educação intelectual, moral e física). Na tradição ocidental, a educação corporal segundo BRACHT (1999, p.70) via pautar-se pela ideia culturalmente cristalizada, da superioridade da esfera mental ou intelectual- a razão como identificadora da dimensão essencial e definidora do ser humano. O sujeito é sempre razão, ele (o corpo) é sempre objeto (meio); a emancipação é identificada com a racionalidade da qual o corpo estava, por definições, excluído. Tanto as teorias da construção do conhecimento como as teorias da aprendizagem, com raras exceções, são desencarnadas- é o intelecto que aprende. O papel da corporeidade na aprendizagem foi historicamente subestimado, negligenciado.

Para BRACHT (1999, p.73) se nos séculos passados, XVIII e XIX, o corpo era alvo fundamentalmente das ciências biológicas (razão/paradigma instrumental). O corpo aqui é igualado a uma estrutura mecânica- visão mecanicista do mundo é aplicada ao corpo e a seu funcionamento. O corpo não pensa, é pensado, o que é igual a analisado pela racionalidade científica. Ciência é controle da natureza e, portanto da nossa natureza corporal.

As várias ciências buscam permanentemente desvendar o corpo humano, seja numa perspectiva das Ciências Naturais e das Ciências Humanas Sociais, o grande desafio é que essas áreas não conseguem dialogar entre si a partir do fenômeno do corpo enquanto uma identidade social e cultural. Na área da Educação Física, podemos compreender a concepção de corpo a partir de suas práticas pedagógicas incorporadas na instituição escola influenciadas fortemente pela instituição

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XV Jornada de Extensão

militar, pela medicina e atualmente pelo fenômeno do esporte, este voltado ao paradigma da aptidão física e do rendimento esportivo.

Conclusão

O objetivo deste estudo foi discutir sobre os desafios pedagógicos das concepções de corpo e corporeidade da educação escolar. Para investigar essa questão, foram tomados por bases os documentos Políticos Pedagógicos das escolas estudadas, bem como seus regimentos. Os estudos desenvolvidos por FOUCAULT (1987, 1990) mostraram a relação de poder nas diferentes instituições sociais entre elas a escola e seus mecanismos de controle sobre os corpos dos sujeitos de forma mais explícita.

Atualmente a escola busca superar essa concepção de poder e controle sobre os corpos, porém o que fica aberto para a nossa reflexão é compreender por que os PPPs não designam um lugar de centralidade para o conceito de corpo. Isso expressa uma compreensão de educação e a sua relação com o tema corpo-sujeito. Entendemos que a escola não abandonou totalmente o poder sobre os corpos dos alunos. Diríamos que hoje ainda a escola utiliza de estratégias de controle dos corpos dos alunos, só que o faz através de mecanismos mais sutis, como por exemplo, em determinadas situações encaminha a criança para o “banco do pensamento”, à biblioteca ler um livro, proibir a participação das aulas de educação física, entre outras estratégias de controle comportamental.

O movimento humano, portanto, é uma totalidade dinâmica que se reestrutura a cada instante em função de dois polos: homem e mundo. Isso significa que devemos superar o reducionismo de que o nosso corpo é apenas dimensão física/biológico, mas sim, reconhecer que nele se encontram possibilidades e limites e que a escola deve potencializar e ampliar as experiências corporais e de movimento humano. O corpo não pode ser visto como um objeto que aprende, mas com um corpo-sujeito, corpo-relacional, corpo-expressivo, corpo-criativo, corpo-experiência, corpo-desejante, corpo-prazer.

Portanto, propomos que o coletivo da comunidade escolar revise seus PPPs no sentido de não só incorporar o conceito de corpo como uma categoria central da proposta de ensino das escolas, mas também na perspectiva de superar as tendências teórico-práticas vigentes que reforçam certo dualismo da relação corpo-mente. Isso significa eleger a experiência corporal, o movimento humano e a compreensão dos sentidos da experiência corporal como fundamental para os processos de aprendizagem no âmbito da educação escolar.

Palavras-chave: Projeto Político Pedagógico; corpo; educação escolar.

Referências Bibliográficas

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa, Edições 70, 1979.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. Cadernos CEDES 48: Corpo e Educação. Campinas: Unicamp, p.69-88, 1999.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história das violências nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XV Jornada de Extensão

- GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Atlas, 2010.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Sentir, Pensar, Agir: corporeidade e educação. Campinas: São Paulo, 1994.
- JOCIMAR DAOLIO. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. P.24-28 In: Movimento. Porto Alegre: UFRGS. N.2 jun. 1995.
- MARQUES, Mario Osorio. Corporeidade, prazer e jogo. Editorial. N.29, jan/mar 1993.
- MARQUES, Mario Osorio. Pedagogia: A Ciência do Educador. Ijuí: Unijuí: 1996.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível. Campinas: Papyrus, 1995.